

QUANTO TEMPO DAR A DEUS?

Deus chama-nos a dar-lhe toda a nossa vida. É essa a vocação de todo o baptizado: não é reservada aos consagrados, quer religiosos quer religiosas. Se a nossa vida não for inteiramente dada a Deus, para que serve? É Deus que dá sentido e fecundidade àquilo que nós vivemos. O tempo que não for dado a Deus é tempo perdido. Seja qual for o nosso estado de vida, o tempo que devemos consagrar a Deus é... todo o tempo, vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, sete dias por semana.

O que significa dar todo o tempo a Deus? Quando nós oferecemos um presente a alguém, é para que ele faça o que quiser. Por outras palavras, dar todo o tempo a Deus é estarmos continuamente disponíveis para fazer a sua vontade, é optar por fazer o que Ele quer e não o que nós queremos. Por conseguinte, o único tempo que nós roubamos a Deus será aquele em que nos recusamos a fazer a sua vontade, aquele em que decidimos viver sem Ele, ou até contra Ele.

Há alguns momentos que damos inteiramente a Deus: o tempo que consagramos à oração. Aparentemente, a oração é tempo perdido: não serve para nada, no sentido restrito do termo; é improdutivo. A oração é tempo «queimado» para Deus e só para Ele.

A oração é procurar o essencial, é ficar no «eixo da vida», dirigir o nosso olhar para as realidades invisíveis, orientar-nos para Deus. Não podemos dar todo o nosso tempo a Deus, se não Lhe consagrarmos um tempo só para Ele, a nossa oração quotidiana.

Se nós damos tempo a Deus, em oração, não é para ficarmos descansados em relação a Ele, como se disséssemos: «Senhor, dou-te um bom momento do meu dia, e Tu deixas-me o resto». Pelo contrário: a oração é como a «rampa de lançamento» de cada dia. Não há (ou não deveria haver) a mínima rotura entre os momentos de oração e o resto da nossa vida. O que unifica tudo - a oração, a vida familiar, o trabalho, os diversos compromissos, o lazer - é o desejo constante de vivermos apenas para Deus, fazendo a sua vontade.

Deus não nos pede que consagremos todo o nosso tempo à oração. A sua vontade é, em primeiro lugar, que amemos o nosso cônjuge, os nossos filhos, o nosso próximo, os nossos amigos, todos os homens, nossos irmãos. A sua vontade é que nós arregacemos as mangas para construir o Reino mediante o nosso trabalho e os nossos compromissos na vida quotidiana. A sua vontade é que nós tentemos por todos os meios preservar a saúde, guardando o equilíbrio mediante uma sã alternância entre trabalho e repouso.

Cabe a cada um discernir, em função da sua própria vocação, o tempo que deve consagrar à oração, à vida familiar, ao trabalho, aos compromissos exteriores ou ao lazer. Repitamo-lo, porém: desde que procuremos a

vontade de Deus, continuamos a dar-lhe todo o nosso tempo, em todas as circunstâncias.

Nós podemos dar todo o nosso tempo a Deus, mesmo que não pensemos nele constantemente. Certas tarefas deixam o nosso espírito disponível, livre para pensar em Deus: descascar batatas, por exemplo, ou cortar a relva. Pelo contrário, quando realizamos um trabalho delicado, que mobiliza toda a nossa atenção, pensamos apenas naquilo que estamos a fazer. Mas isso não tem importância!

«A vida de fé é sempre ordenada e harmoniosa. Pode estar cheia de atividades, mas continua a ser apenas uma. Tem Deus por princípio e por fim».

Cf. Christine Ponsard, *A fé em família*, Paulina, pp. 125-129